

FOLHA DE VILLA VERDE

REDACTOR PRINCIPAL—GASPAR LEITE

Representante e responsavel, MANOEL JOAQUIM ANTUNES

Administrador, BERNARDO A. DE SÁ BEREIRA.

ASSIGNATURAS PAGAS ADIANTADAS.—Anno 1.500 reis.—Semestre 800 reis.—Anuncios linha 40 reis, pagos antes da publicação do primeiro annuncio, communicado 50 reis a linha correspondencia deve ser dirigida ao redactor principal, na sede da redacção em BRAGA, rua de Santa Maria, n.º 1.



VILLA VERDE—1888

Os mesmos em toda a parte

E do nosso collega a *Provincia* o artigo que passamos a transcrever. Por elle poderão ver os leitores que os politicos regeneradores de lá afinam pelo mesmo diapason dos forçantes de cá. Os mesmos em toda a parte.

Annuncia-se solemne para domingo, no theatro de S. João, um comicio politico, ao qual são chamados, não só os cidadãos do Porto, mas os povos da redondeza. O fim d'essa reunião magna é levantar as gentes, e até as pedras das calçadas, contra os homens, que actualmente exercitam o governo.

A Regeneração, apresando-se para a conquista das pastas, convoca as suas legiões permanentes, a primeira e segunda reserva, a milicia territorial, e ainda os franco-atiradores. A tão levantado intento servem todos e serve tudo:—validos e invalidos, fieis e infieis; quem possa fazer um discurso, dar simplesmente um apoiado, ou rouquejar um viva; quem saiba brandir um sabre, manejar um chuco, ou jogar apenas uma pedrada!

Chegou o momento de prégar a guerra santa. Por Allah e Mafoma! contra o ministerio:

Quem é, porem, o Pro-

pheta, o prestigioso crente, que desfralda o pendão guerreiro? Quem dá «rendez vous», no palco lyrico, aos bachibosuks de Paredes aos couraçeiros de Vallongo, á turba mesclada da cidade e dos campos? Quem é que promove, dirige e comanda essa terrivel invasão de barbaros que ameaça o Porto?

Arripiam-se as carnes e o cabelo.

O Atila feroz, cuja cólera rutila flammejante, é—nem mais nem menos, em corpo e alma—o snr. José Moreira da Fonseca. Decidiu-se afinal, melifluamente solicitando pelo snr. Lopo Vaz, diplomaticamente convidado pelo snr. Hintze, e mandou assoprar o clarim. Proclamou-se o bando; corre a voz de serra em serra...

Como os leitores vêem, o caso é em si mesmo burlesco, uma indignação de encomenda que não assusta, nem afflige ninguém. O doutor João Arroyo não seria mais descomedido em S. Bento; os outros cantores empregarão os recursos de que dispõem; e como é dia de beneficio, podem contar com applausos em barda. Não lhes faltarão palmas, nem bravos. Ficarão contentes de si e terão dado aos amadores da Rhetorica algumas horas de prazer inefavel. E' um acesso de furia tribunicia que chega a ser innocente e inoffensivo.

Recordemos, em todo o caso, o seguinte.

O homem que, sendo governador civil d'este districto, jurava aos odios partidarios, que são os seus deuses, acabar de vez com os «meetings» no Porto, e que, para realizar o intento, não hesitava na escolha dos processos mais illegaes e mais violentos; esse homem é o mesmo que se apresenta agora á frente d'uma manifestação, a qual ou ha de ser absolutamente esteril, ou anarchica e desorganizadora. E' esse homem que, tendo oscillado como um pendulo entre o snr. Barjona e o snr. Serpa, entre a esquerda e a direita, vem hoje intimar um mandado de despejo ao ministerio, sem se saber em nome de quem, a não ser em nome da sua vaidade apoplectica.

Ao snr. José Moreira da Fonseca, — é preciso dizer-lh'o francamente, — faltam por completo o prestigio e a auctoridade, que se reclamam n'um director da opinião. Embora sejam respeitaveis as suas qualidades pessoais, os seus actos politicos revelam a mais flagrante incoherencia, e mais deploravel versatilidade e um vasio intellectual perfeito.

Onde está o programma politico do illustre juriconsulto? Quaes são as suas ideias de administração e de governo?

Ninguém, absolutamente ninguém, as conhece. Apesar d'isso, consciente ou inconsciente, tornou-se solidario com a mais ruinosa ge-

rencia que os negocios publicos ainda tiveram, essa gerencia fatal que legou á situação d'hoje um «deficit» de 9.000 contos e um largo prospecto de impostos. Falta-lhe, portanto, repetimos, a auctoridade moral para se insurgir contra qualquer desmando governativo. E não negamos que os haja.

O ultimo gabinete regenerador despresou todas as regras de boa administração, infringiu as leis economicas, praticou os maximos abusos, e o snr. Moreira da Fonseca associou-se voluntariamente a esses erros e escandalos, aceitando n'esta cidade o logar de proconsul, especialmente encarregado de amordaçar a indignação do povo vexado e oprimido.

Cumplice com os homens, cujos desvarios no poder se traduzem dolorosamente na difficil situação financeira da actualidade, na crise agricola e no mal estar geral que afflige o paiz, como ousa agora protestar contra as consequencias dos proprios erros?

Se ha alguém que possa lançar a primeira pedra contra o ministerio actual, não é de certo o snr. Moreira da Fonseca.

Vejamos, porem, o que póde incitar, o que póde lançar esses magnates politicos na faina estulta de derrubar um ministerio. Sem um plano reformador que os agrupe, sem uma ideia levanta-

da que os guie, o que é que lhes unifica o esforço demolidor? O desejo febril de mandar, a fome desvoradora do poder. Isto, e só isto.

O snr. José Moreira da Fonseca começa a sentir desejos de ser novamente governador civil; tem saudades da vara de lictor; precisa de exercer umas vingancasinhas; quer saldar umas pequenas contas. E' no que se resume a miseravel politica dos nossos partidos: uma lucta bem pouco digna, e ainda menos gloriosa, de vaidades irritadas e despeitos concentrados.

A significação do «meeting» que se prepara para domingo, em S. João, é esta:—Sahe tu que cu quero entrar.

—«Mas para que?—deve perguntar o povo aos agitadores d'hoje, tyrannetes d'hontem, rejeitando o eterno papel da comparsa, que lhe distribuem n'esta ignobil comedia—para que? para continuar a vossa tradição immoral e nefasta?»

Se esta interpeção se realisasse, não seria completamente esteril o comicio. Ficariam satisfeitos os antigos desejos do snr. Moreira da Fonseca, isto é, reduzidas a sua verdadeira importancia as manifestações ficticias da opinião popular. Fóra d'esta hypothese, o «meeting» terá apenas a significação já indicada.

Em todo o caso, ao partido progressista do Porto, sem imitar os deploraveis exemplos dos seus adversarios, sem praticar disturbios

FOLHETIM

A tomada de Gibraltar

I

Não eram menos de setecentos e oitocentos. Estaturas medianas; a agilidade e a robustez incomparaveis. Aos ultimos raios do sol que se ia occultando no horisonte, por detraz das montanhas, pulavam e cabriolavam como panthoras. Mas, quando o sol desapareceu de todo, o formidavel bando immobilisou-se subito, como que a um toque de clarim.

Na crista escalvada do monte acabava de apparecer o chefe—um typo curioso! Estatura eleva-

da, trajas de pelle de macaco, com o pello para fóra—como no *Han d'Islandia*,—a cabeça embrulhada n'uma gaforina inculta, cobertas as faces de pellos enriçados, os pés nus, de sola dura como os cascos d'um cavallo, cacete em punho. Bello typo!

—Sriis! Sriis! fez o chefe, dando aos beiços um geitinho especial que produziu um assobio extraordinario.

—Sriis!... Sriis!... repetiu o bando em toda a linha.

O chefe estendeu o braço na direcção da planicie. Todos os braços seguiram o movimento. Baixou o braço.

Baixaram-se todos. Inclinou-se profundamente. Tudo se inclinou. Brandiu o cacete. Cada um dos subordinados brandiu um cacete igual, com inexcusable precisão de movimentos.

Em seguida, o chefe deitou-se de

bruços sobre a relva e principiou a arrastar-se na direcção da cidade, seguido por todo o bando—rastejando como elle.

A duzentos metros da cidade, a tropa fez alto. Accendiam-se as luzes nas praças, nas ruas, nos navios ancorados no porto. Ouvio-se um tiro de peça, o *First gun fire*; depois os toques dos tambores em terra, dos apitos a bordo. Recolher. A nenhum estrangeiro d'essa hora em diante é licito percorrer a cidade sem a companhia vigilante d'um official da guarnição. De quarto em quarto d'hora, patrulhas de infantaria conduzem aos calabouços os soldados e os marieiros embriagados.

Por fim, silencio absoluto. Póde o general Mac Kackrato dormir um somno de justo. Evidentemente a velha Inglaterra nada tem a receiar pelo seu rico

estreiro de Gibraltar—n'essa noite pelo menos.

II

Toda a gente conhece, mais ou menos, aquelle rochedo formidavel, de quatrocentos e vinte e cinco metros de altura, com uma base de mil duzentos o quarenta e cinco metros de largura, e quatro mil trezentos de comprimento. De longe assemelha-se Gibraltar a um leão colossal, deitado, com a cauda mergulhando no mar, a cabeça na direcção da Hespanha. Mostra os dentes respeitaveis pelo numero e pelo vigor; setecentas bocas de fogo—os dentes da velha, como lá dizem. E ali está a Inglaterra, muito bem collocada, como em Aden, como em Malta, e em Poulo-Pinang e em Hong-Kong. Os hespanhoes não pensam tres minutos

a fio na possibilidade de expulsar aquelles visinhos.

Todavia alguém excepcionalmente emprehendera em Hespanha a conquista patriótica. Era uma especie de maníaco chamado precisamente Gil Braltar, de origem fidalga. Havia alguns annos que o singular figurão desaparecera da cidade. Ignorava-se o seu destino. A verdade é que o maníaco estabelecera residencia nos bosques, vivendo á maneira dos troglodytas, ora nas cavernas, ora nas grutas de S. Miguel, que communicam, segundo dizem, com o mar. Vivia n'um estado selvagem, privado da razão humana e obedecendo aos instinctos da animalidade.

(Continua).

nem violencias, cumpre-lhe manifestar solemnemente a sua cohesão e a sua força.

Não é necessario que os partidarios sejam servos da gleba, thuriferadores inconscientes de quem manda, para que se unam n'um pensamento commum e patriótico, evidenciando á sociedade como são inconsistentes e ficticias essas demonstrações banaes d'uma hostilidade á situação, que só existe realmente no espirito desvaído dos ambiciosos.

Estamos certos de que o partido progressista do Porto saberá corresponder dignamente ás suas tradições e aos seus deveres actuaes.

Ao primeiro aceno, cerrará fileiras, e o paiz dirá se é elle, ou não, que representa o sentimento geral d'esta gloriosa cidade.

PEROLAS E DIAMANTES

Nas dobras do passado

(A Norberto Joaquim Pereira)

—Aquello passeio! que delicia!...

E dava estalinhos com a lingua, estendido ao longo do sofá. Passava os olhos por sobre nós, com um ar auctoritario, de rei nos seus estados.

—Ai, meninos! que delicia, que delicia!...

Gargalhadinhas sonoras sabiam-lhe da garganta. Parecia estar ainda sob a impressão d'esse dia feliz, recheiadinho de peripecias engraçadas. Nós, com uma cara fominamente curiosa, entreolhávamo-nos surdamente, ruminando no cerebro aquelle pedaço de felicidade que o Carlos passara. Etodos, «una voce»:

—Conta, conta!

Estendeu-se mais, accendeu vagarosamente o charuto, e n'uma posição mollé, de rajah protector, entre duas baforadas de fumo azulado que se desenrolava em espiraes para o tecto:

—Na tarde havia palpações quentes, beijos de velupia. O Mondego passava, ainda a cantar tristemente os amores de Ignez de Castro; os choupos altos e esguios, curvavam-se reverentes, n'um ramalhar do respeito e melancholia, enquanto um vento leve escrepava a relva verde dos prados, como mão nevada e macia, ondeando a seu sabor.

Um «pica-peixe» ostentava ao sol as suas cores variadas, poitado na areia; rouxinões cantavam docemente, abrindo as azas. E o sol, bonacheirão e alegre, sorria em jorros de luz que esmaltavam o rio.

Os barcos passavam, á vara, conduzindo familias alegres, e as creancinhas saltavam d'um lado para o outro, aos baloiços do barco, com risos frescos, matinaes, que a brisa, ao perpassar, nos deixava.

—Ah!...

—E os olhos d'ella, cõr de céu, seraphicos e estonteantes, a-fundavam-se na agua esverdeada do Mondego.

Desceu devagarinho as escadas da «Memoria», e arregaçando um pouco a saia lisa e branca, deixou entrever um contorno paezado, delicioso... e no concavo da sua mão macia bebeu soffregamente, a pequeninos tragos, a agua pura

que vinha quebrar-se nas paredes brancas do monumento.

Ouvia-se ao longe, para os lados da cidade, um bater de roupa nas pedras, e cantigas populares, migalhas do S. João passado, atreavam os ares.

Presentia-se em volta ruidos seccos, quebrar os ramos, essas bulhas de natureza viva.

O bater agudo dos machados, n'esses simulares de floresta que orlam as ruas do «Choupal», chegava e nós entrelaçado nos suspiros da tarde.

Segredei-lhe umas palavras doces, um hymno todo amores. E enquanto a brisa sacudia descuidosa as folhas do arvoredor, deixei-me embalar n'um sonho brando...

—O comboio!

Acordei estremunhado. Nos fumos da noite que cahia scintillava uma luz vermelha, e o comboio, com um andar pesado, entrava na ponte, que rangia nos seus encaixes do ferro. Caras aparvalhadas assomavam ás portinholas e lenços brancos acenavam ironicos por cima das nossas cabeças.

Passou. Pelos intervallos da ponte, cahia, gota a gota, a agua que a caldeira, ao passar, lançára fóra.

E eu vi n'esse cahir lento as derrocadas funebres de todas as felicidades sonhadas. Eram as esperanças que ruíam sem estrondo, devagar, deixando-me n'um adormecer d'illusões...

Voltamos para a cidade. Os lampões começavam a accender-se. Na Sophia grupos de estudantes conversavam á porta do botiquim da Freira. As tricenas, o chateirado, cantaros de lata á cabeça, voltavam do rio. Os americanos rodavam, de volta da estação. No cimo das casas negras das estreitas ruas de Coimbra um pedaço d'azul, bordado de pontos luminosos, sobressahia.

Eno escuro das ruas, um policia fazia vagarosamente o seu giro.

Calou-se. Cá fóra, a torre de Santa Cruz hatia horns. Deslizamos todos como sonhos ao longo das escadas, levando impressa no coração a imagem bella d'uma mulher de cabellos loiros...

Na estrada da Beira «troyes» embuçadas cantavam:

Que noite serena,
que lindo luar,
que linda barquinha
eu vejo no mar!

E vem, ó meu anjo,
fujamos d'aqui,
que a noite está bella;
o amor nos sorri.

Fujamos d'aqui!

Porto. José Sarmento.

Um millionario

Morreu em Lisboa o sr. commendador Manoel Joaquim Faria, natural da freguezia de Soutello, d'este concelho.

A fortuna do fallecido é calculada em 2.000.000.000 contos.

A sua freguezia natal deve-lhe o cemiterio que possui, um dos melhores do concelho de Villa Verde, e a casa da escola do Alivio a mobilia que actualmente tem.

Passamos a transcrever o mais importante do seu testamento:

O sr. Manoel Joaquim de Faria, ha dias fallecido em Lisboa, era solteiro, natural de Soutello, concelho de Villa Verde, e no tes-

tamento feito pelo tabellião Cardoso em 6 do corrente, nomeia testamentarios seu sobrinho José Antunes Martins, Francisco Izidoro Vianna, Bento José da Costa Gomes e Joaquim Jeronymo Ferreira, deixando a qualquer dos tres ultimos que cumpra a testamentaria 20 contos de reis fortes.

Deixa a José Antunes Martins uma propriedade no Pará; á mulher d'este e sua sobrinha D. Maria Rosa de Faria Martins, outra propriedade no Pará; 20 contos em inscripções, 200 acções do banco de Portugal, 100 obrigações de 500 do banco hipotecario, 100 da companhia das aguas de Lisboa, 100 da companhia real dos caminhos de ferro, 300 obrigações do emprestimo portuguez, 150 obrigações da companhia nacional do caminho de ferro e 10 mil libras nominaes da divida externa portugueza. Nomeia os dois herdeiros do remanecente com a obrigação de construir uma escola do ensino primario para ambos os sexos na freguezia de Soutello até 10 contos de reis fortes, deixando mais 20 contos em inscripções para a sustentação da escola, professores, etc.

Deixa aos sobrinhos Manuel Alves de Faria, Antonio Alves de Faria, José Antonio de Faria, Manuel Joaquim Alves de Faria e Estevão Alves de Faria, diversos bens no Pará, 10.000 libras nominaes da divida externa portugueza, 150 acções da companhia de navegação do Amazonas, 10 da companhia Pará e Amazonas e 110 da companhia Booth Steam Ship, em partes eguaes a cada um.

A sua sobrinha D. Antonia Maria de Faria Azevedo, uma propriedade no Pará, 60 contos em inscripções e 125 obrigações do emprestimo portuguez.

A sua irmã Maria e marido o usufructo de 30 contos fortes, e a propriedade d'elles á filha d'estes, D. Narcisca Maria Alves de Faria, e a seus sobrinhos, filhos de sua irmã Maria Rosa de Faria, todos as propriedades que possuia em Soutello, Prado e Oliveira.

A D. Maria do Carmo Faria Carvalho, residente em Braga, o usufructo de um predio no Pará, 100 acções do Banco do Minho, 100 do Banco Portuguez do Porto, 10 contos de reis fortes e 40 contos em moeda do Brazil, e a propriedade d'este legado aos filhos d'esta legataria.

As irmãs d'ella, D. Candida e D. Caetana, 40 contos a cada uma, e a cada filho ou filha, d'estas, 5 contos, moeda do Brazil.

Deixa 5 contos, moeda do Brazil, a um filho de D. Maria das Mercês, por nome Sant'Anna.

A cada afilhado ou afilhada de baptismo, tanto do Brazil como de Portugal, 100\$.

A Custodio Barbosa e José Joaquim Barbosa, 100 obrigações do emprestimo portuguez a cada um.

A Joaquim Jeronymo Ferreira, 10 contos em inscripções.

Ao dr. Narcisco Manuel Ferreira da Silva, 5 contos em inscripções.

A Real Sociedade Portugueza de Beneficencia do Pará, 30 contos, moeda do Brazil.

Aos lazarus de Faucumdoba, 3 contos, moeda do Brazil.

A Misericordia do Pará, 3 contos, moeda do Brazil.

Aos pobres da freguezia do Pará, 2 contos, moeda do Brazil.

1 conto para o do districto de Garupa.

200\$000 reis fortes a cada uma das crendas Thereza Maria Barbosa e Maria Thereza Lopes.

Se apparecer seu irmão Domingos, de quem não tem noticias ha muitos annos, e estiver pobre,

deixa-lhe a pensão annual de reis 400\$.

E outros legados de menor importancia.

Restabelecimento

Acha-se completamente restabelecida da doença de que ultimamente soffreu, a esposa do sr. dr. José Joaquim Ribeiro, advogado nos auditorios d'esta comarca.

Missa

Na quarta feira passada rezouse na capella de Santo Antonio, d'esta villa, uma missa para suffragar a alma da mãe do nosso collaborador o sr. Abilio Maia.

Foi celebrante o nosso sympathico amigo padre Domingos Gomes.

Mercê regia

Foi agraciado com o titulo de colista da Casa Real, o sr. Francisco José d'Araujo Guimarães, acreditado cabelleireiro da cidade de Braga.

Foi uma honra merecida attentas as habilitações do agraciado que, além de ser um especialista distincto em tirar callos, é, ao mesmo tempo, um dos mais habeis cabelleireiros da cidade de Braga.

Na loja do sr. Araujo Guimarães trabalha-se como nas melhores casas d'este genero de Lisboa ou Porto.

Ao agraciado as nossas felicitações.

Baptizado

Na freguezia do Barbude, baptisou-se no domingo ultimo, uma creancinha filha do sr. Manoel de Jesus Pereira d'Alreu. Foram padrinhos os snrs. Manoel Ferreira de Macedo e Roza Maria Ferreira de Macedo Barboza.

A neophita recebeu o nome de Roza Maria.

Chegada

Estão n'esta villa, em casa do dignissimo escrivão de fazenda d'este concelho, o sr. Antonio Maria do Couto Zagallo, general de divisão e presidente da camara de Valença, e sua exc.^{ma} esposa D. Emilia Angelica Leito Ribeiro e Silva Zagallo.

Doente

Continua do cama a esposa do nosso dedicado correligionario o sr. Aloysio Guilherme d'Amorim Pinheiro, da freguezia de Doçãos, d'este concelho.

Desejamos-lhe prompto restabelecimento.

Questão curiosa

Corre em juizo uma acção contra um tal Machado, d'Oris, que estando de posse d'uma propriedade pertencente a um menor, e que, por este ter chegado á maior idade, não lh'a quer entregar.

Isto custa a acreditar. Este sr. Machado julga que deve ficar do posse d'esta propriedade por toda a vida. Apesar do digno juiz d'esta comarca já ordenar ao legitimo representante que tomasse posse,

este não o póde fazer porque o sr. Machado nem á mão de Deus padre quer desaposar-se, da sua presa!

Isto é curioso.

Veremos o final d'esta comedia e veremos tambem como o sr. Machado fica ao lim d'esta curiosissima questão além d'isso este Machado é thesoureiro da confraria do S. S. d'Oris, ha mais de 20 annos, e não tem dado contas e faz de conta que os haveres d'esta confraria lhe pertencem.

E' justo que este confessado dos missionarios, entre no caminho do Senhor, e deixo por uma vez a sua velha hypocrisia.

Fallecimento

No numero passado não nos foi possivel noticiar o fallecimento do sr. José Narcizo Pereira da Cunha, pae dos nossos amigos os snrs. Manoel Antonio Pereira da Cunha, muito digno professor d'ensino complementar d'esta villa, e José Lucio Pereira da Cunha, amanuense da camara d'este concelho.

O finado era aferidor de pezos e medidas e exercia a profissão de louvado.

A familia do fallecido os nossos cordeaes sentimentos.

Desastre

Na ultima quarta-feira, 7 do corrente, um rapazinho de 8 a 9 annos, que guiava pela sogas uns bois com um carro carregado de pedra, e seguia pela estrada municipal de esta villa para a freguezia de Sabariz, cahiu, talvez por não ter força para conter os bois no declive da estrada, e sendo pizado pelos animacs e rodas do carro, ficou em lamentavel estado. Um pé quasi cortado, e o corpo e rosto muito ferido e contuso.

Enferma

Continua gravemente doente a ex.^{ma} sr.^a D. Rosa Augusto Soares Rodrigues dos Santos, filha do nosso particular amigo o sr. Lourenço Soares Rodrigues, digno vice-presidente da Camara Municipal de Villa Verde.

Experiencias da luz electrica

A commissão superiora dos theatros de Paris, reuniu ha dias no laboratorio central de electricidade em Grenelle, para assistir a uma serie de experiencias feitas sobre a direcção do professor Mascart, do Instituto.

Estas experiencias feitas com o fim de determinar o grau de segurança póde offerecer, para o publico, a installação da electricidade nos theatros, foram muito interessantes.

As lampadas de incandescencia, alternativamente chegadas a fragmentos de scenario, cobertas com bocados de escumilha e de velludo, partidas no meio de roupas, encostadas a taboas, etc., não queimarem nenhum d'esses objectos tão facilmente inflammaveis.

Como ultima experiencia, M. Mascart demonstrou que essas lampadas só communicariam fogo a um tecido qualquer, quando estivessem cuidadosamente embrulhadas n'elle, de maneira a não se poder estabelecer nenhuma corrente d'ar.

A commissão dos theatros do-

seja, antes de dar a sua opinião, assistir a novas experiências, que brevemente terão logar.

ANNUNCIOS

COMARCA DE VILLA VERDE

1.ª PRAÇA

No dia quinze do proximo futuro mez de abril, ás dez horas da manhã, á porta do tribunal judicial da comarca, por deliberação do conselho de familia, para pagamento do passivo approved e custas, no inventario orphanologico a que se procede por obito de José Custodio Martins, viuvo, morador que foi na freguezia de Athães, d'esta comarca, entra em praça publica para ser vendido pelo valor de sua avaliação, — o predio campo denominado d'Agrela, de lavradio e vidonho de natureza allodial sito na freguezia de Covas, d'esta comarca, no valor de 181\$000 reis.

E são pelo presente citados todos os credores incertos nos termos do n.º 1.º do artigo 844 do codigo do processo civil.

Villa Verde 6 de março de 1888.

Verifiquei a exactidão

O juiz de direito

43) Magalhães.

O escrivão,

Gaspar Augusto Telles.

Comarca de Villa Verde

Editos de 30 dias

Por este juizo de direito e cartorio do escrivão do 3.º officio Feio, correm editos de 30 dias a citar todos os credores e legatarios desconhecidos, ou domiciliados fóra da comarca, nos termos e para os fins do artigo 696 §§ 3.º e 4.º do codigo do processo civil, no inventario orphanologico a que se procede por obito de Agostinho da Silva Pereira, morador que foi na freguezia de S. Vicente da Ponte, d'esta

mesma, sem prejuizo do seu andamento.

Villa Verde 22 de fevereiro de 1888.

Verifiquei a exactidão

O juiz de direito

44) Magalhães.

O escrivão

Francisco Feio Soares d'Azevedo

Comarca de Villa Verde

Editos de 30 dias

Pelo juizo de direito da comarca de Villa Verde e cartorio do escrivão do 3.º officio Feio correm editos de 30 dias a citar todos interessados credores e legatarios desconhecidos, ou domiciliados fóra da comarca para dentro d'aquelle prazo deduzirem o seu direito e fallarem a todos os termos do inventario de menores, a que se procede por obito de João Manoel Antunes, morador que foi no logar de Paredes, freguezia de Pedraes d'esta mesma, sem prejuizo ao seu andamento.

Villa Verde 22 de Fevereiro de 1888.

Verifiquei a exactidão

O juiz de direito

45) Magalhães.

O escrivão

Francisco Feio Soares d'Azevedo

COMARCA DE VILLA VERDE

ARREMATACÃO

Pelo juizo de direito da comarca de Villa Verde, e cartorio do escrivão Faria, se tem d'arrematar em hasta publica, pelas 10 horas da manhã, do dia 18 do proximo mez de Março, á porta do tribunal judicial da mesma comarca — os fructos do campo de casal Rodrigo, arrematado por D. Fortunata Julia d'Araujo Pinheiro, da cidade de Braga, e que se acham em poder do depositario Domingos José Pinheiro, da cidade de Braga, e que se acham em poder do depositario Domingos José Pinheiro, do lugar de Reiriz, freguezia de Novegilde, os quaes fructos são os seguintes:

798,454^m de milho

branco em grão da colheita de 1886 já um pouco picado e ordinario, na quantia de reis 15\$040.

161,882^m de feijão rajado, ordinario, na quantia de 400 reis.

65,055^m de vinho verde, ordinario, mas ainda em bom estado, na quantia de 1\$500 reis.

Por virtude da carta precatória para nomeação d'um louvado, avaliação e arrematação, vinda do juizo de direito da comarca de Braga, a requerimento da exequente D. Fortunata Julia d'Araujo Pinheiro, da mesma cidade, contra o executado o bacharel Luiz Manoel de Macedo Andrade Pinheiro, d'esta povoação de Villa Verde.

Villa Verde 28 de fevereiro de 1888.

O escrivão,

Manoel Henrique de Faria.

Verifiquei a exactidão

O juiz de direito

40) Magalhães.

Comarca de Villa Verde

ARREMATACÃO

No dia 15 do proximo mez de abril, pelas 10 horas da manhã, á porta do Tribunal de justiça, por deliberação do conselho de familia, para pagamento do passivo approved no inventario orphanologico a que se procede por obito de José Antunes, morador que foi no logar de Serem, da freguezia de São Vicente da Ponte, d'esta comarca, entram em praça, para serem vendidos em hasta publica, pelo maior lance offerecido acima do valor da sua avaliação, os seguintes bens:

Uma caixa de castanho, usada, sem fechadura, que levará 422,500, avaliada em 1:500 rs.

Outra dicta, com fechadura, em bom uso, que levará 202,584, em 1:600 rs.

Outra dicta, sem fechadura, uzada, que levará 253,230, em 800 rs.

Um espigueiro com assentos de pedra e ripado de castanho e pinho, coberto de telha, em 4:000 rs.

Um casco de madeira de castanho, com arcos de ferro, em 3:000 rs.

Um carro, aparelhado, já usado, em 3.000 rs.

337,640 de milho branco, em 8:000 rs.

520,440 de vinho verde, delgado, em 6:000 rs.

As casas da vivenda, que se compõe de cosinha, sala, quartos, varanda, lojas e duas côrtes separadas, eira, coberto, portal d'entrada, e eido juncto de lavradio vidonho e arvores de fructo, avaliada em 251\$000 rs.

A leira das Maceiras, de lavradio e vidonho, com uma oliveira e lorangeira, em 68\$000 rs.

A leira da Terra Nova, de lavradio, vidonho e matto, em 38\$000 rs.

A terra das Cortinhas, que se compõe de diferentes comareiros, de lavradio, vidonho, oliveiras e duas bordas de lenha e matto, réis 638:000.

A leira ou bouça da Azeha, de matto e pinheiros, dividida por uma pequena bouça de Manuel Vilella, em 124\$000 rs.

A leira ou bouça de Souto, de lenha e matto, em 20\$000 rs.

A leira das Compradeiras, de lavradio, em réis 61\$000.

É a leira da Deveza, de lavradio, em 12\$000 rs.

Todos, estes bens situados no logar de Serem, freguezia de S. Vicente da Ponte d'esta comarca.

São citados os credores incertos, nos termos do n.º 1.º do art. 844.º, do Codigo do Processo Civil.

Villa Verde 25 de fevereiro de 1888.

O escrivão

Gaspar Augusto Telles.

Verifiquei a exactidão

O juiz de direito

41) Magalhães.

COMARCA DE VILLA VERDE

Editos de 30 dias

Nos termos dos §§ 3.º e 4.º do art. 696 do Cod. do Proc. Civ. no inventario orphanologico a que se procede por obito de Joaquim José da Silva morador que foi no logar da Cova da Raposa, freguezia de Passo, d'esta comarca correm editos de 30 dias, citando o herdeiro Manoel da Silva, solteiro, pubre, auzente em parte incerta n'este reino, e os credores e legatarios desconhecidos ou rezidentes fóra d'esta comarca.

Villa Verde 27 de fevereiro de 1888.

O escrivão,

Gaspar Augusto Telles.

Verifiquei a exactidão

O juiz de direito

DAVID CORAZZI—EDITOR

Lisboa

Bibliotheca Universal

Director, FERNANDES COSTA

O fim desta publicação é o de concorrer para que o povo portuguez conheça a sua pro-

pria litteratura e a dos outros povos, por meio da vulgarização das obras primas do entendimento humano, tornando-as familiares e accessiveis a todos. E neste intuito publicará as melhores produções dos mais reputados inscriptores tanto, nacionaes como estrangeiros.

Cada volume de 128 paginas, bom papel e formato elegante, custa 100 reis.

O INFERNO

poema de DANTE

Tradução de Domingos Ennes

Livro de que toda a gente ou ve falar, mas que apenas poucos conhecem de o haverem lido,—*O Inferno de Dante*—é um desses canticos surprehendedes que só uma vez se improvisam num raptio miraculoso de casual inspiração, mas que ficam perpetuamente repercutidos nos echos do universo!

Edição de luxo com as celebres illustrações de *Gustavo Doré*. Publica-se quinzenalmente, um fasciculo de 16 paginas, com gravuras, custando 200 reis cada um.

LEITE BASTOS

Os Dramas d'Africa

romance de sensação

(obra posthuma)

Revisto, desenvolvido e completado por Gervasio Lobato & Jayme Victor, com desenhos de Manoel de Macedo, executados pelo processo Gillot.

Condições d'assignatura

Lisboa e Porto—Cada semana serão distribuidas seis folhas de oito paginas in-8.º francez, ou cinco folhas e uma estampa pelo preço de 60 reis, pagos no acto da entrega.

Provincias — A assignatura será paga adeantadamente, na razão de 120 reis cada fasciculo, franco de porte, contendo doze folhas de oito paginas ou a gravura, cuja distribuição se regulará de duas em duas semanas.

Assigna-se em Lisboa na casa, editora CORAZZI, rua d'Atalaya, 40/a 50 e no Porto na sua Filial—Praça de D. Pedro, 127, 1.º andar.

RAMON MOLINAS — EDITOR

EL CAMARADA

Revista infantil

O fim altamente pedagogico desta publicação é sufficiente para a tornar sympathica de todos. Illustrar e moralizar recreando é, evidentemente o mais poderoso meio educativo, por ser o que mais se harmoniza com o espirito juvenil.

Publica-se semanalmente um numero impresso em bom papel, com primorosas gravuras intercaladas no texto. Cada um — 50 reis.

Recbe assignaturas nesta villa—«Alvaro Guimarães».

A Illustração Iberica

Publicação scientifica, artistica e litteraria

Um numero semanalmente por 50 reis. Recbe assignaturas nesta villa—«Alvaro Guimarães».

Privilegio exclusivo por 15 annos

ELIXIR DEPURATIVO VEGETAL DE CARDOSO

Pharmaceutico plenamente approved pela Eschola Medico-cirurgica do Porto

Este excellento medicamento é ha muito tempo applicado pelos exc.^{mos} medicos com bom resultado com bom resultado contra as molestias da pelle, como: herpes, pustulas, erysipela, sarna, ulceras. No rheumatismo, escrophulas, syphilis em todos os graus e mais molestias provenientes d'ella, e do uso excessivo do mercurio.

Emfim em todas as molestias que tem origem na impureza do sangue.

Deposito em Braga, pharmacia dos Orphãos.
Deposito em Villa Verde, pharmacia Central.

PREÇO DO FRASCO 600 RÉIS

A obra comprehenderá aproximadamente 60 fasciculos e será dividida em 4 volumes. Publicar-se-ão doze fasciculos mensalmente, sendo distribuidos pontualmente no dia 1 e 15 de cada mez.
Em Lisboa e Porto serão distribuidos os fasciculos quinzenalmente, mediante o pagamento no acto de entrega de 100 reis cada fasciculo. Nas demais terras do reino, accresce a cada fasciculo o porte do correio, custando por isso 110 reis. E todavia condicção indispensavel e remessa á empreza da importancia de dois ou mais fasciculos adiantadamente, com o competente forte do correio. Para o Brazil o preço de cada fasciculo é de 400 reis francos.
Toda a correspondencia deve ser dirigida aos editores LEMOS e C.^{as} Praça d'Allegria, 104—Porto.

Grande publicação illustrada com magnificas gravuras
CONDICÕES D ASSIGNATURA

E recolhida por sua filha Madame Vitt

Tradução de Antonio Lemos Junior

GUZOT

por

HISTORIA D'INGRA TERRA

A Estação

Jornal Illustrado de Modas para Senhoras publicandose anualmente:



44 numeros de 8 paginas, illustrados com mais de 200 gravuras representando artigos de toilette para senhoras, roupa branca, estuarios para criarças, enovacs, roupa de casa e vestuarios para homens e meninos, atalazados, objectos de mobilia, adorno de casa, etc. todo o genero de trabalho de agulha, bordado branco e a mais a ponto de marca, de ornatos, costura em renda, pontos em claro sobre renda, cambria ou filé, renda irlandeza, bordado em filé, crivos — todo o trabalho de tapeçaria, tricôt, crochet, frivolité, guipure, ponto atado, renda de bilro — fôrca de papel, panna, penna, inabunente mil obras de fantasia que seria longo relatar.

O texto que lhea fica junto clara e minuciosamente descreve e explica todos esses desenhos, ensinando o modo de executar os objectos que representam.

12 folhas grandes contendo além de numerosas monogramas, iniciais e alphabets completos para bordar em relevo ou a ponto de marca, 200 moldes pelo menos, em tamonha natural, completados, segundo as necessidades com moldes reduzidos ir ficando claramente a disposição das partes de que se compõe o modelo e mais de 400 desenhos de bordado branco, matiz, montache, etc. Cumpro notar-se que essas folhas comparadas ás de qualquer outro jornal sã-tilhas muito superiores, pois que em igual espaço publicam tres ou quatro vezes mais material.

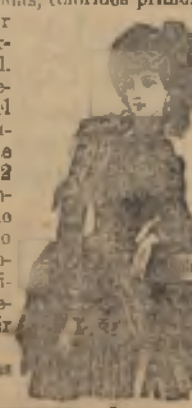
36 gravuras em cores, coloridos primorosamente e egualadas por artistas de merito em formato igual ao do jornal.

Para prova da superioridade incontestavel dessa publicação a verificacção de que realmente se sã 24 numeros e 12 folhas do moldes contém maior quantidade de moldes do que outro qualquer jornal de modas, enviar-se-ha gratuitamente um numero specimen a quem o pedir por escripto.

Assignar-se em todas as livrarias, e na de ERNESTO CHARDRON—Porto. Principia no dia 1.º de qualquer mes.

PREÇO EM TODO O REINO:

Um anno 4\$000
Seis meses 2\$100
Numero avulso 200



ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

MANOEL JOAQUIM ANTUNES

EM VILLA VERDE

Tem á venda no seu estabelecimento todos os generos proprios d'uma casa d'esta ordem, e bem assim grande variedade de vinhos finos engarrafados e bebidas brancas de todas as qualidades. Tabacos de todas as fabricas e variedade de algodões, retrozes e mais miudezas, que tudo vende por preços muito modicos.

EDIÇÃO MONUMENTAL.

HISTORIA

da

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha

1 VALIOSOS BRINDES A CADA ASSIGNANTE

Tem sido distribuidos com a maxima regularidade 14 fasciculos d'este obra e o 1.º BRINDE, trabalho d'alto valor artistico que mereceu os maiores elogios dos competentes.

Ja está concluido o primeiro volume.

As copias para a encadernação sã feitas expressamente para esta edição.

A capa em separado custa 500 reis.

Para os assignantes que preferirem receber a obra aos fasciculos, continua aberta a assignatura.

Livraria Portuense de Lopes & C. — editores

RUA DO ALMADA 193 — PORTO

BIBLIOTHECA DO CURA D'ALDEIA

211, Rua do Almada, 217—Porto

A FELICIDADE

por

HENRIQUE PERES ESCRICH

Está em distribuição o primeiro fasciculo d'este notavel romance, que pôde sem receio entrar no sactuario da familia. E' ornado de primorosas gravuras de pagina, cujas gravuras serão distribuidas gratuitamente a todos os snrs. assignantes.

Recommendamos a leitura d'esta esplendida obra aos amadores dos bons livros.

Condições da assignatura para as provincias

A expedição é feita de quinze em quinze dias, com a maior regularidade, aos fasciculos de 96 paginas e uma gravura, pelo modico preço de 120 réis cada fasciculo, franco de porte, pagamento adiantado. Nas terras onde a empreza não tiver correspondentes, as pessoas que desejarem assignar deverão remetter no acto de fazer a assignatura a importancia de um ou mais fasciculos.

As pessoas que enviarem quantia não inferior a 600 reis, receberão na volta do correio aviso de recepção, ficando por este modo certos de que não houve extravio.

Quem angariar 10 assignaturas receberá um exemplar gratis.

A empreza precisa de correspondentes em todas as principaes terras do reino, onde ainda os não tenha; garantindo aos mesmos uma commissão vantajosissima. Recebe propostas n'este sentido.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Litteraria Typo e graphica, editora, 211, rua do Almada, 217—Porto.

TABELLA DOS MOLUENTOS

A cobrar nas secretarias das orpagações e Tribunas Administrativas

Aprovada por Carta de Lei de 23 de agosto de 1887 precedida do respectivo relatorio. Preço 40 reis.

Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas. A' livraria—Cruz Coutinho—Editores rua dos Caldeiros, 18 e 20 Porto.

EDITORES—BELEM & C.^{as}

26, Rua do Marechal Saldanha, 26 Lisboa

AS DOIDAS EM PARIS

um dos melhores romances de Xavier de Montepin

4 folhas de 8 paginas e uma estampa por semana 50 reis

Versão de Julio de Magalhães

Tendo-se esgotado a primeira edição d'esto romance, a empreza, attendendo a que deixou de satisfazer algumas requisicções e tambem para annuir aos desejos de muitos dos seus assignantes modernos, resolveu publicar uma nova edição, correctiva e augmentada com magnificas gravuras que comprou ao editor do romance original.

Brinde a todos os assignantes no fim da obra: Um album do Minho.

Typ. de Sá Pereira—1888

A MARTYR

por

ADO LHO DENNERY

Vers o de João Pinheiro Chagas

Celebre romance procurado com excepcional interesse pelos leitores dos dois mundos e publicado no «Primeiro de Janeiro» e de que foi extrahido o drama actualmente em scena nos theatros Baquet e D. Maria II.

Edição illustrada com gravuras.

CONDICÕES DA ASSIGNATURA

O romance «A Martyr» constar, de 2 volumes em 8.º illustrados, distribuidos em fasciculos semanais de 10 folhas de impressão de oito paginas cada uma, ou 9 e uma gravura, a 10 reis cada folha, ou 100 reis cada fasciculo pagos no acto da entrega. A obra completa não terá nem mais de 10 nem menos de 8 fasciculos.

Para as provincias, os fasciculos serão enviados francos de porte, pelo mesmo preço que no Porto, mas só se accitam assignaturas que venham acompanhadas da importancia de 5 fasciculos adiantados.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisacção de Eduardo da Costa Santos—Editor Porto—Rua de Santo Ildefonso, 4

P. S. Acha-se já em distribuição o 1.º fasciculo. Envia-se prospectos quem nes pedir.

o maior successo litterario

o maior successo litterario